

Joyce e Macalé em faixa dedicada a João Giberto

PÁGINA 5



Comédia explora o trabalho precarizado

PÁGINA 6



Bruna Louise vem batendo recordes com seu stand-up

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

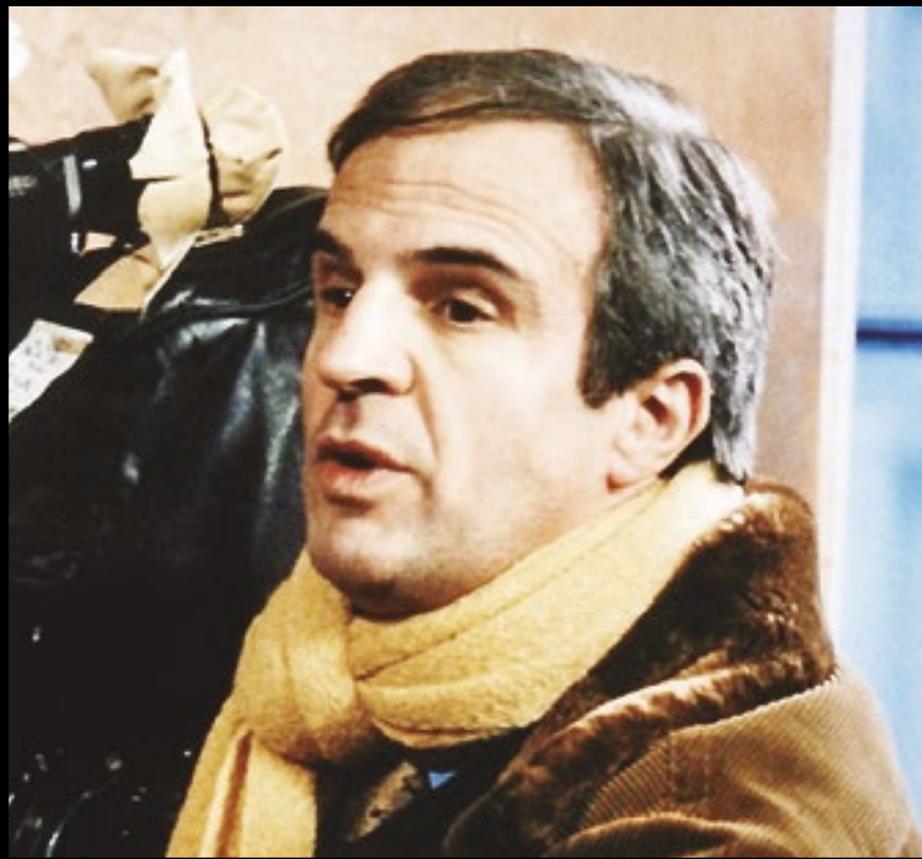
Cinema e mercado editorial se agitam na Europa para relembrar os 40 anos de morte e para celebrar o legado do oscarizado realizador de 'Os Incompreendidos'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**stá aberta a temporada da saudade em torno de um nome que, em tela grande, transformou-se em sinônimo de lirismo: François Truffaut (1932-1984). No dia 21 de outubro, o cinema (da França, sua pátria natal, e de todo mundo) lamenta os 40 anos da morte do diretor laureado com o Oscar por "A Noite Americana" (1973). Europa adentro estão previstas retrospectivas de seus sucessos, mas a largada para a celebração de seu legado acaba de ser dada com a chegada ao circuito francês do documentário "Le Scénario De Ma Vie", de David Teboul. Exibida em Cannes, em maio, essa produção dirigida por David Teboul se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não), em entrevistas pouco conhecidas de Truffaut, na sua correspondência com o pai (adotivo) e, sobretudo, num relato autobiográfico iniciado alguns meses antes da sua batalha final contra o tumor no cérebro que o matou.

Teboul parte de uma anedota do audiovisual parisiense segundo a qual os filmes de Truffaut se movem como trens, disparando na imaginação como expressos noturnos. Segundo a pesquisa do documentarista, a vida do cultuado diretor seguiu o mesmo ritmo, mas tinha apenas 52 anos quando surgiram as palavras O Fim em seu caminho. Alguns meses



PARA SEMPRE

Divulgação

antes de morrer, o cineasta tinha começado a partilhar a história da sua juventude com o seu velho amigo, Claude de Givray, mergulhando profundamente na sua história familiar, a fim de fazer um livro com suas recordações. Seu tempo de tela (e na Terra) acabou por escassear e FT não conseguiu terminar sua autobiografia, a que tinha planeado chamar "O Roteiro da Minha Vida". O que Teboul faz, a partir de registros epistolares, é revelar o que seria essa derradeira narrativa truffautiana. Sua investigação arranca lágrimas de cinéfilos.

Comove sobretudo aquelas e aqueles que se irritaram com o americano Quentin Tarantino quando o gênio por trás de "Pulp Fiction" (1994) acusou Truffaut de ser superestimado e de ter criado uma narrativa quase amadora em sua incursão pelos códigos do filme policial, como "A Noiva Estava de Preto" (1968). Já Steve Spielberg teve uma atitude oposta ao falar dele quando recebeu o Urso de Ouro Honorário, na Berlinale 73, em fevereiro. "Estava com ele nos sets de 'Contatos Imediatos do Terceiro Grau' e eu queria aproveitar a chance de estar a seu lado, para aprender, quando toquei na ideia do que viria a ser 'E.T.'. Como tinha feito, há pouco, 'Na Idade da Inocência', com elenco juvenil e infantil, Truffaut me disse que eu deveria arriscar numa criança como protagonista. A força da infância, com um ser do espaço, contagiaria as plateias. Como ele estava certo. Como eu devo a ele", disse Spielberg, que faz parte do coro gigantesco de fãs do realizador.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

# TRUFFAUT

**E**m 1959, Truffaut fez de “Os Incompreendidos” um marco de reinvenção das formas de olhar e um fenômeno de bilheteria, com quatro milhões de ingressos vendidos só na França, onde ganhou a láurea de Melhor Direção em Cannes. E é lá mesmo, em seu país de berço, que o mercado editorial se agita em torno da efeméride de sua partida. Uma das agitações é o lançamento do livro “Lettre Ouverte à François Truffaut”, de Eric Neuhoff. É uma coletânea de artigos, em forma de cartas, nos quais o autor louva a relevância do cineasta a construção de narrativas amorosas.

Em bancas em quiosques de Paris, a “Cahiers du Cinéma”, a mais prestigiada revista focada no pensamento audiovisual de todo o planeta, oferta um mimo para seus leitores – atraindo também novos públicos – de flerte com a obra de Truffaut: um dossiê com curiosidades, resenhas analíticas e textos do mítico realizador.

“Eu me sinto parte desse grupo de cineastas para quem o cinema é um prolongamento da juventude, como se fôssemos crianças a quem mandaram brincar num canto, que reconstruíram o mundo com os brinquedos e, na idade adulta, continuam brincando com os filmes. É o que chamo de cinema do quarto dos fundos, com uma recusa da vida tal qual ela é, o mundo em seu estado real e, em reação, com uma necessidade de recriar alguma coisa que se aproxime um pouco do conto de fadas, um pouco do cinema que nos fez sonhar quando éramos jovens”, escreveu Truffaut em de seus ensaios memoriaísticos sobre uma obra cheia de êxitos, como “Jules e Jim – Uma Mulher Para Dois” (1962), “Um Só Pecado” (1964) e “Domicílio Conjugal” (1970).

As palavras, as coisas e os filmes de Truffaut: essa é a melhor forma de se entender o amor romântico nas últimas seis décadas, a partir da estreia de “Os incompreendidos”, em 4 de maio de 1959, no Festival de Cannes. O longa saiu

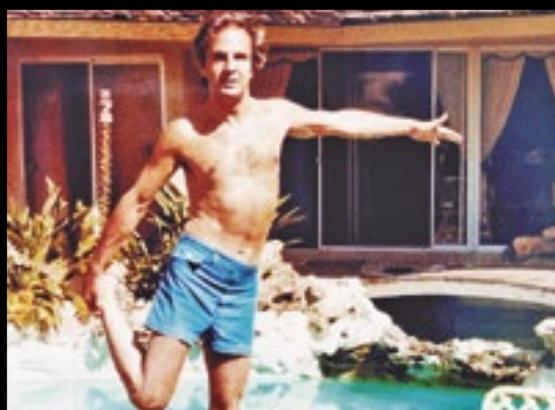


Com ‘Os Incompreendidos’, François Truffaut vendeu 4 milhões de ingressos e ganhou o prêmio de Direção de Cannes

*‘Eu me sinto parte desse grupo de cineastas para quem o cinema é um prolongamento da juventude’*

Divulgação

Divulgação



O jovem Truffaut em cena do documentário ‘Le Scénario de Ma Vie’



‘A Noite Americana’, de 1973, rendeu o Oscar ao cineasta, narrando os bastidores de uma filmagem confusa

da Croisette aclamado, coroando a fúria criativa de um jovem crítico de cinema e realizador cuja bandeira era revolucionar o cinema a partir da inclusão das sequelas sociais, morais e afetivas do tempo de contracultura que se desenhava à sua frente.

Laureado com 31 prêmios numa carreira que vai de 1955 a 1983, coroada com três indicações ao Oscar e muitos sucessos de bilheteria, Truffaut mudou a forma de se fazer e de se ver filmes a partir de um projeto estético de hemodiálise da imagem a partir de um engajamento das narrativas audiovisuais com as fraturas éticas e emotivas do mundo a seu redor, modificando os dispositivos de construção do discurso cinematográfico de modo a fugir do engasamento, do classicismo. Assumiu a infância (“O garoto selvagem”), o feminino (“A mulher do lado”) e o próprio ofício de cineasta (“A noite americana”) como seus temas mais essenciais, passeando por gêneros diferentes, em prol da renovação da cinefilia. Repensou o papel do espectador e os deveres do contador de histórias. E, mais do que tudo, repensou o amor. Binômio vivo de arte + desejo, seu cinema nos deixou como legado a necessidade de se discutir o querer como um verbo de ação e não como de ligação com as tradições burguesas.

Diretor, produtor, roteirista, crítico e ator, Truffaut sempre entendeu o filme “como algo íntimo, como uma carta” - como disse certa vez, em entrevista. Saiu de cena com “De Repente Num Domingo”, lançada no Festival de Locarno, em 1983. Ao longo de sua carreira, Truffaut pintou com traços ao mesmo tempo delicados e vigorosos, o cotidiano francês. Era meticuloso ao extremo e, pela fama de seu perfeccionismo, era confrontado com perguntas sobre suas predileções cinéfilas múltiplas vezes. Certa vez, indagado sobre que cinema do mundo preferia, respondeu: “Para mim, o cinema não tem nacionalidade. O importante são as pessoas que fazem um bom trabalho”.

Fábio Assunção e Karim Aïnouz falam sobre 'Motel Destino' em podcast e ator revela ter recebido conselhos de Fernanda Montenegro para construir seu personagem



O diretor Karim Aïnouz e o ator Fábio Assunção na gravação do podcast *Traz a Pipoca*

# Ensinaamentos que valem ouro

Divulgação



**Karim Aïnouz e Fábio Assunção nos bastidores da filmagens de 'Motel Destino', feitas no litoral cearense**

**K**arim Aïnouz e Fábio Assunção gravaram participação no novo episódio do *Traz a Pipoca*, podcast de cinema do Telecine, e falaram sobre a parceria em "Motel Destino", filme que disputou a Palma de Ouro em Cannes e agora está em cartaz nos cinemas brasileiros. No papo com Moisés Liporage e Bruna Scot, Assunção revelou ter recebido conselhos de ninguém menos que Fernanda Montenegro para lidar com as dificuldades de interpretar Elias, seu personagem na trama, um homem branco, do sudeste, que reproduz comportamentos tóxicos com a companheira nordestina.

"De vez em quando, eu troco mensagens com a Fernanda Montenegro. E, no começo das gravações, eu conversei com ela sobre como conduzir esse personagem [Elias]. Ela disse: 'Assuma. Assuma que você é um homem branco e trate isso como reparação histórica. Exponha sem medo, porque está sob o manto da arte, do cinema, que é um espaço de resistência e que mostra a identidade do Brasil'. E ela está certa. Porque isso [o preconceito contra o nordestino] existe, e muito. Ainda que a gente esteja no processo de uma mudança intelectual quanto ao nosso processo civilizatório, a parte emocional é muito mais lenta. A reparação, a

exposição dessa relação [do sudestino com o nordestino], o abismo de preconceito, tudo isso é mais uma porrada nas pessoas que não estão dispostas a pensar sobre o assunto", disse o ator.

Segundo Aïnouz, Elias, personagem interpretado por Assunção, foi concebido inicialmente para ter origem nordestina, mas o roteiro

precisou passar por alterações depois que o ator aceitou o papel — o que, para o diretor, deixou o filme ainda melhor. "Há uma tradição de que o nordestino é um sub-humano e o sudestino um super-humano. Depois da mudança no roteiro, o personagem passou a ser sudestino e o filme ganhou mais fricção, tensão e energia, porque quanto

mais oposição se cria, mais interessante é o conflito. E a nossa vida, enquanto contamos histórias, é de conflito. É a base de tudo", refletiu Aïnouz.

Em tom bem humorado, o diretor e o ator falaram também sobre a experiência de trabalharem juntos, o que Assunção revelou ter sido a realização de um sonho.

"Teve uma época em que eu queria muito trabalhar com o Karim, aí comentei sobre isso com um amigo, que me aconselhou a ligar e me apresentar para o Karim. Aí eu liguei, saímos para almoçar e eu falei para o Karim que queria trabalhar com ele. E foi só isso, não rolou. Aí agora, 12 anos depois, nos reencontramos para fazer esse filme", disse o ator, aos risos.

Na trama, o Motel Destino, sob o céu em chamas numa beira de estrada do litoral cearense, se torna palco de jogos perigosos de desejo, poder e violência. Uma noite, a chegada do jovem Heraldo (Iago Xavier) transforma em definitivo o cotidiano do local. O longa é uma coprodução Telecine e faz sua estreia nos cinemas brasileiros no dia 22 de agosto. O episódio do podcast está disponível e pode ser ouvido no YouTube do Telecine, Globoplay e nas principais plataformas de áudio.

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Megalópolis' marca a volta de Coppola às telonas

## 'Megalópolis', de Coppola, estreia no Brasil em outubro

"Megalópolis", o novo filme de Francis Ford Coppola, vai estreiar no Brasil em 31 de outubro. A trama narra o conflito entre o artista idealista Cesar Catilina e o ganancioso prefeito Franklyn Cicero, em Nova Roma, cidade distópica criada pelo diretor. O filme dividiu as opiniões dos críticos que já o viram e vem sendo rodeado de po-

lêmicas. Na mais recente, um novo trailer da produção exibiu citações falsas de críticos de cinema para tentar argumentar que vários dos clássicos de Coppola não foram abraçados pelas avaliações no primeiro momento. O vídeo foi retirado do ar pela distribuidora do filme, a Lionsgate, que se desculpou publicamente.

### Homenagem

O cantor e compositor Fabio Nogara iniciou a produção de seu mais novo álbum, que terá como tema o repertório musical de Flávio Venturini, que participará do trabalho. O disco tem lançamento previsto para o início de 2025.

### Pacificados

Segundo fontes ouvidas pelo jornal britânico The Sun, a volta do Oasis é real e os irmãos Liam e Noel Gallagher devem fazer o anúncio oficial nesta semana. A banda inglesa chegou ao fim em 2009 em função dos seguidos atritos entre os dois.

### Ocorrência

A cantora Maria Rita usou as redes sociais pedindo ajuda aos seus seguidores para encontrar o caminhão que transportava instrumentos e equipamentos de sua banda. O veículo foi roubado na Rodovia Presidente Dutra, na altura de Belford Roxo.

### Alô, alô

Musa da telefonia nos anos 1990, ao fazer campanhas publicitárias para a extinta Embratel, Ana Paula Arósio foi indenizada em R\$ 2 mil pela Vivo por cobrança irregular de uma conta que ela não possuía por já estar morando no exterior.

# Pop chiclete impregnado de simplicidade

Sabrina Carpenter soa genérica e exala sedução em 'Short n' Sweet'



Por Vitória Pereira (Folhapress)

Já há dez anos na estrada da música, só agora Sabrina Carpenter vive o auge da sua carreira. Ela ganhou os holofotes após abrir os shows da "The Eras Tour" de Taylor Swift, quando deixou de ser apenas conhecida como suposto pivô do término entre Olivia Rodrigo e Joshua Bassett. Mas isso são águas passadas. Embora seja seu sexto disco, "Short n' Sweet", lançado na sexta-feira (23), é o primeiro em que o mundo está realmente ansioso para ver se ela conseguirá emplacar mais hits após o sucesso estrondoso de "Espresso" e "Please Please Please".

Chamada pela mídia internacional de "O Verão de Sabrina", ela aproveitou o clima quente para cancelar seu posto de princesa do pop à la Britney Spears, além de reforçar seu lado sedutor e debochado sobre os homens - faceta já apresentada no disco anterior em canções como "Nonsense" e "Read Your Mind".

O álbum soa genérico, mas isso não é uma grande surpresa. Afinal, a própria Sabrina é vista como genérica: branca, loira, magra e bonita, encaixando-se

**Sabrina Carpenter surfa na onda de sucesso após abrir shows de Taylor Swift e lança o álbum 'Short n' Sweet', confirmando ser a queridinha deste verão nos EUA**



perfeitamente no estereótipo de modelo de capa de revista, quase como uma Barbie da vida real. O disco é genérico também por não apresentar nenhuma novidade em relação aos singles lançados há meses. Sabrina se gaba de como é irresistível e, a qualquer deslize do seu potencial interesse amoroso, ela não hesitará em dizer adeus, como canta em "Good Graces".

Mesmo com toda a arte de sedução, impregnada em seu visual com figurinos no estilo coquette que realça o lado menininha, Sa-

brina se lamenta sobre como as garotas sofrem por amores fracassados, como em "Lie to Girls", única música do disco em que ela se dispõe a dramatizar o ciclo vicioso do amor.

Como o próprio nome do álbum sugere, tudo é curto e doce, seguindo a máxima do bom enquanto durou. "Pensei sobre alguns desses relacionamentos e como alguns deles foram os mais curtos que já tive, mas me afetaram mais", disse a cantora em entrevista à Apple Music sobre a origem do título.

Mas o que mais resume o que as mulheres têm vontade de dizer para aquele "boy lixo" é que Sabrina sabe exatamente como responder. Neste disco, ela faz isso muito bem ao zombar a superficialidade dos homens, caçoando de como eles tentam parecer "os caras" quando, na verdade, não passam de rostinhos bonitos.

Apesar das obviedades, Sabrina entrega exatamente o que prometeu nos singles do disco: um pop chiclete que agrada justamente por sua simplicidade, diferente das músicas de Taylor Swift, onde cada metáfora ou verso exige uma interpretação.

# Abraçados pela aura de João Gilberto

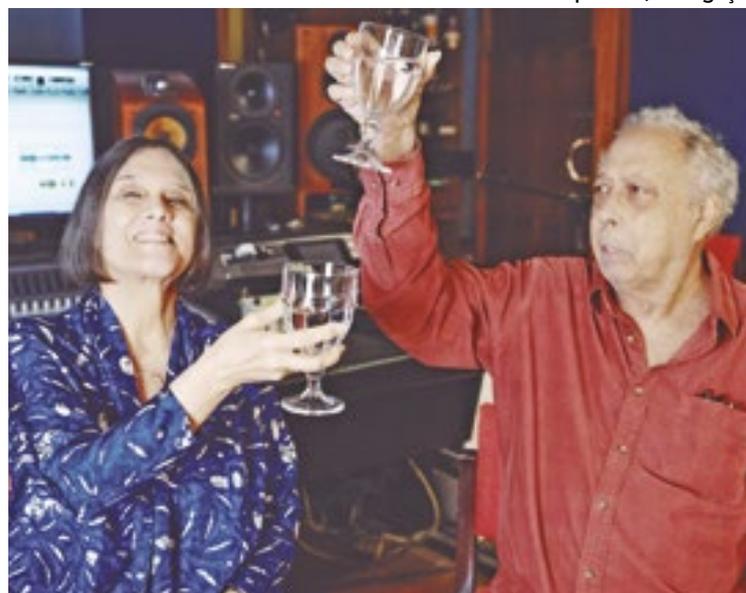
Originalmente gravada no álbum 'Síntese do Lance', 'Um Abraço do João', ganha versão com Joyce, parceira de Jards Macalé na composição da faixa

Por Affonso Nunes

**U**m abraço do João”, dueto inédito de Joyce Moreno e Jards Macalé, chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (30). A canção é uma parceria dos dois, composta sob a inspiração de João Gilberto (1931/2019). O Correio ouviu o single antes e garante que é uma delícia melódica e poética que reverencia a classe de um gê-

nio brasileiro.

Como se não bastasse, as histórias por trás da composição e da gravação da faixa são um capítulo à parte. Autor da melodia, Macalé conta mais sobre o tema: “Encontrei o telefone secreto do João Gilberto durante a pandemia, só que ele já havia partido para outra dimensão. Aí eu telefonei, num ato de loucura, talvez de lucidez, e claro, ninguém atendeu, a não ser a secretária eletrônica. Então eu conversei, con-



Joyce e Jards brindam ao mestre no estúdio da Biscoito Fino

versei, deixei recados enormes e me despedi dizendo: ‘um abraço, João, qualquer coisa me liga, me chama e tal’. Três semanas depois pintou essa música, parecida com algumas coisas que o João fez, como ‘Um Abraço no Bonfá’, aí eu telefonei para minha querida

parceira Joyce Moreno e ela me disse, imediatamente: ‘manda que eu faço a letra’”.

Discípula de João Gilberto, como o próprio Macalé, Joyce compôs a letra pensando no violão do mestre da bossa nova, que tanto influenciou a geração de ambos. “Não é um abraço NO João, mas um abraço DO João, ele nos abraçando. Escre-

vi pensando nisso, que o abraço veio do universo, do astral para nós. Quando ouvi ‘Um abraço do João’ na versão de Macalé e João Donato (lançada no álbum ‘Síntese do lance’, de 2021), fiquei contente e triste, ao mesmo tempo, porque eu não estava na gravação. Aí eu pensei: quando tiver oportunidade, vou chamar o Macau pra gente fazer a nossa”, contou.

Em meio à gravação do single, no estúdio da Biscoito Fino, veio a surpresa: os dois se reuniram, sem se dar conta, em plena tarde de 10 de junho, data do aniversário de João Gilberto. “O Lucas Ariel, nosso engenheiro de som, estava olhando alguma coisa e disse: ‘Ih, o aniversário do João Gilberto é hoje!’. Aí, foi uma comoção no estúdio, choramos os dois, ficamos emocionadíssimos”, conta Joyce Moreno. “Marcamos nesta data por acaso, ninguém sabia!”, completa Macalé. Neste caso, o cacaso atende pelo nome de destino.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Trilha sonora

A Crespo Music, selo musical da ONG Afro-Reggae em parceria com a Virgin Music e a Universal Music, lançou a trilha sonora da terceira temporada da série “A Divisão” (Globoplay). Produzida pelo DJ Sany Pitbull, a trilha captura a essência dramática da série, transportando os ouvintes para o universo tenso da Divisão Anti-Sequestro (DAS) do Rio de Janeiro. Conhecido por sua contribuição pioneira ao funk carioca, Pitbull combina em suas produções uma fusão de batidas eletrônicas e ritmos afro-brasileiros.

Divulgação



### Pitada country

Dustin Lynch, estrela do country, se junta à dupla Fernando & Sorocaba para uma versão do hit “Small Town Boy”, lançada originalmente em 2017. “Gosta de Caras Assim” faz uma ponte entre o nosso sertanejo e o gênero americano em uma faixa bilíngue e será apresentada ao vivo em setembro pela dupla e por Lynch em shows no Brasil, incluindo o Rodeio de Jaguariúna. Lynch tem uma das carreiras mais sólidas no country moderno, com nove músicas no topo das paradas americanas, quatro álbuns no Top 5, 10 singles certificados como ouro e platina e 4,4 bilhões de streams globais.

Divulgação



Divulgação



### Pintou um reggae

Formada só por mulheres, a Banda Peyote lança o single “Fé na Vida” no próximo dia 6. O pop rock com pegada reggae destoa da produção recente das meninas, mais focada em rocks pesados, e tem a participação de Luis Carlinhos, vocalista do saudoso Dread Lion. O single é o quinto de um sequência de seis faixas que estarão no EP ‘Minha Vida é Pura Fake News’. O Peyote tem Andrea Fernandes Barça (vocalis), Isabella Castilho (guitarra), Adriana Freitas (baixo) e a recém chegada Letícia Santos, que assume a bateria nos shows e nas próximas gravações após o EP.

# Estamos mal, mas passamos a impressão de que está tudo bem

Dalton Valério/Divulgação

‘Dicas Para Sofrer em Paz’ aborda a precarização do trabalho e como a cultura do super desempenho afeta a saúde mental do trabalhador

A precarização está cada vez mais presente no mundo do trabalho, afetando mais a mais a saúde mental das pessoas. Em cartaz no Sesc Copacabana, “Dicas para Sofrer em Paz” é uma comédia propõe uma reflexão sobre essa nova realidade profissional. Encenada Lulu Carvalho, com direção de Ana Carolina Sauwen, a peça fala sobre como não se desesperar nesses tempos de cultura



Lulu Carvalho em ‘Dicas Para Sofrer em Paz’. O texto ‘pe fruto de uma pesquisa em palhaçaria que aborda as relações de trabalho contemporâneas

de superdesempenho, que estimula e normaliza o excesso de trabalho com a autoexploração e a falsa promessa de autonomia e liberdade. No palco, duas personagens vivem situações paralelas, de realidades distintas, mas com algo em comum: o desejo da autorrealização

profissional. A comédia conta também com a participação dos atores Analú Faria e Pedro Fernandes, abordando a exploração de pessoas PCDs na fabricação de uma imagem inclusiva de uma big tech, que não corresponde à realidade.

“Dicas para Sofrer em Paz” re-

sulta de pesquisa em palhaçaria de Lulu Carvalho, refletindo os impactos da precarização do trabalho. “O sistema hoje nos responsabiliza não só por nosso desempenho pessoal como pela nossa estabilidade emocional e financeira diante dos nem sempre inevitáveis fracassos.

Queremos falar sobre isso, mas de uma forma leve e bem-humorada”, explica ela, que escreveu o texto junto com Ana Carolina Sauwen.

Segundo Ana Carolina, o projeto dialoga com as reflexões do filósofo Byung-Chul Han, em Sociedade do Cansaço. “A peça fala sobre saúde mental num mundo em que somos empurrados a produzir cada vez mais e dar conta de demandas impossíveis. Estamos exaustos, mas ao mesmo tempo temos que mostrar que somos felizes. Somos instruídos a explorarmos nós mesmos, sendo ao mesmo tempo nossos prisioneiros e vigias. Buscamos o humor para falar disso”, sintetiza.

## SERVIÇO

### DICAS PARA SOFRER EM PAZ

Sesc Copacabana - Sala Multiuso (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 15/9, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

## Municipal receberá reforma

Execução dos serviços, orçados em R\$ 11 milhões, não interrompe temporada

Um dos mais importantes equipamentos culturais do Brasil será revitalizado. O Teatro Municipal do Rio de Janeiro receberá investimento de R\$ 11 milhões para reforma do palco principal e melhoria na estrutura física do equipamento. A verba é destinada por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre a Fundação Teatro Municipal e a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (Sececrj), por meio da

Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura.

A Presidente da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Clara Paulino, destaca a necessidade desta revitalização e informa que o Municipal não vai fechar e parar de funcionar. “A temporada está a todo vapor e nada será cancelado. A maioria da reforma será feita aos poucos, como já tem acontecido com a mudança de estofados, a troca do carpete e das cortinas das



Entre as principais alterações, a modernização do palco

frisas. Estão previstas duas etapas importantes como a troca da cortina do palco e o processo de nivelamento do piso que só acontecerão no período de receso do Teatro, em janeiro e parte

de fevereiro” – exolica a gestora.

O novo palco terá um piso flutuante chamado Harlequin Floors, utilizado nas principais casas de espetáculos do mundo que abrigam companhias de

Carlos Monteiro

balé consagradas como o Royal Ballet, de Londres e o ballet da Ópera de Paris. Devido a sua alta qualidade, os bailarinos poderão fazer ainda mais movimentos de técnica apurada, que exigem este tipo de piso para a execução.

Outro equipamento que precisa ser recuperado é o sistema digital intitulado Wagner Biro, que funciona como um sofisticado computador para operar as varas cênicas do palco. Atualmente, em um palco com aproximadamente 80 delas, divididas entre manuais e digitais, somente as varas cênicas manuais estão funcionando, o que torna o processo bem mais demorado. Portanto, a recuperação desse sistema é crucial para garantir que as apresentações possam ser realizadas com a eficiência e a precisão exigidas.

## Humorista Bruna Louise bate recorde de público e impulsiona stand-up brasileiro

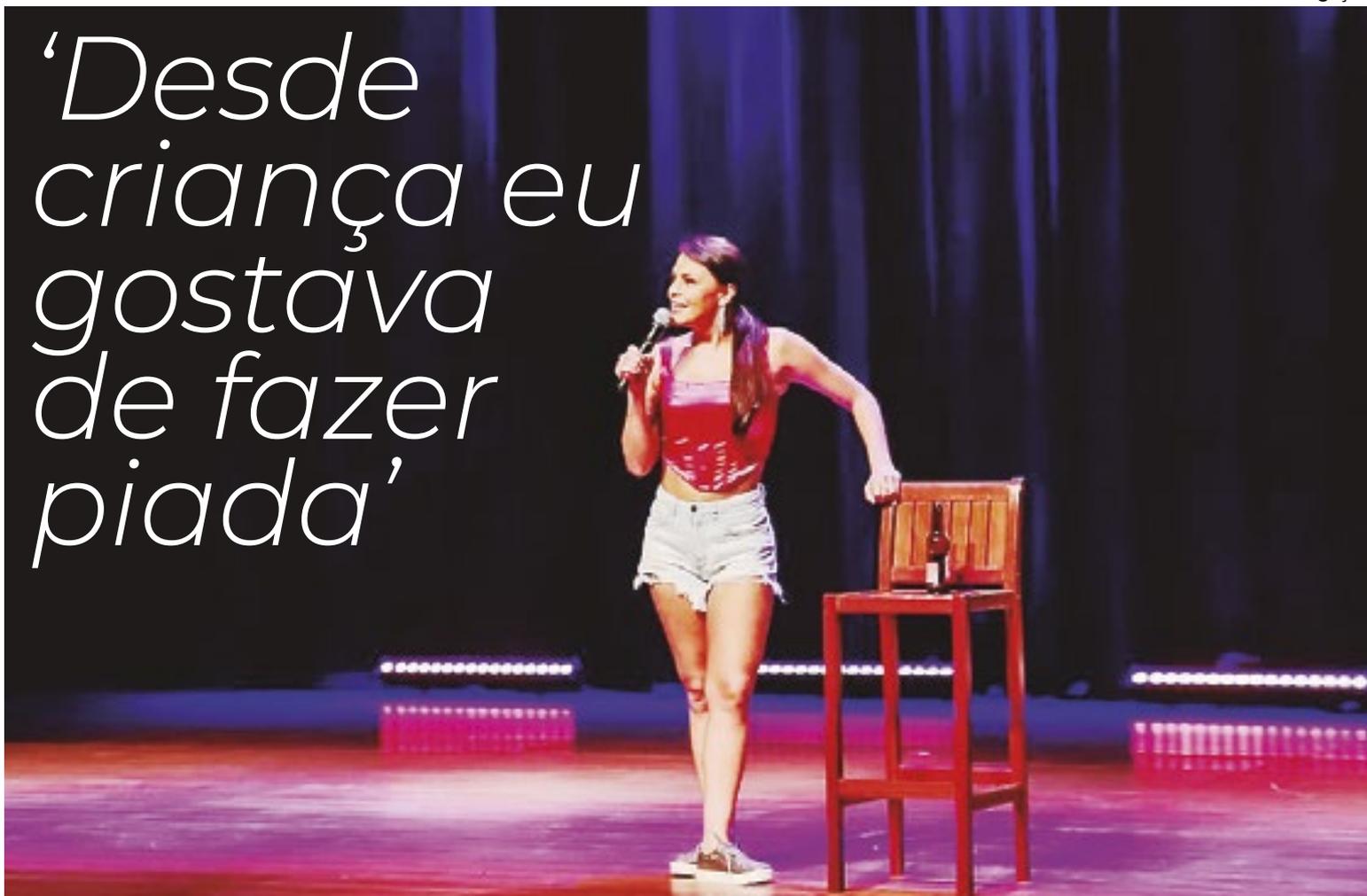
Por Isabela Rocha (Folhapress)

**A** humorista Bruna Louise bateu neste julho o recorde de público em um show solo de stand-up em Belo Horizonte, uma das principais cidades para o gênero artístico no Brasil. Primeira mulher brasileira a ter um espetáculo do tipo na Netflix, ela impulsiona a indústria e as mulheres com piadas sobre cotidiano, sexualidade e improvisos com a plateia. “Desde criança eu gostava de fazer piada. A minha família só tem mulher, uma família italiana. Era a minha avó xingando, mandando todo mundo tomar no c#\$%&. a cada cinco minutos. Tinha um astral só entre nós, mulheres, que era de muita comédia”, conta a humorista.

Além da mãe, Louise tem duas tias, que só tiveram filhas mulheres. O único casamento duradouro foi da tia lésbica, a quem ela carinhosamente chama de “sapatia”. Com elas, a humorista disse que aprendeu a se virar sozinha, correr atrás do que quer e a ser ambiciosa com sua carreira. No momento, prioriza a si mesma acima de qualquer relacionamento. “É muito difícil para uma mulher que tem uma carreira ter um relacionamento porque o cara se sente em segundo plano, deslocado, intimidado. Quanto maior é o meu apartamento, com menos homem eu transo. Quando eu aluguei a minha cobertura, que tem o pé direito alto, eu falei ‘nenhum pau nunca mais vai subir.’”

Em três dias e sete sessões, a curitibana se apresentou para 10.750 pessoas no teatro BeFly Minascentro em julho, de acordo com a produção do evento. Nenhum

# ‘Desde criança eu gostava de fazer piada’



**Bruna Louise se destaca com humor autoral baseado em episódios de sua vida que atrai um público variado**

humorista tinha sozinho ultrapassado 10 mil espectadores na cidade até então, de acordo com os produtores. Ela está com a agenda lotada até o dia 22 de dezembro. Vai percorrer 12 estados brasileiros e nove cidades portuguesas.

O produtor Bruno Berg, sócio da produtora das sessões que a levaram ao recorde, acompanha Louise desde 2019. O primeiro show que a BH Comedy Club produziu para ela era de uma sessão para 350 pessoas. Segundo Berg, a indústria do stand-up não está no melhor momento, mas diz que a humorista é uma das que mais crescem no Brasil. “A Bruna teve um salto enquanto outros mantiveram seus públicos. O humor feminino tem sido alvo de ataques muito fortes na internet. Eu brinco que quanto mais falam mal, mais a Bruna cresce”, diz.

Há quem critique o excesso de palavrões em seu vocabulário. Para isso, ela tem duas respostas: “A primeira é ‘ah, vai tomar no teu c#\$%&’. A segunda é ‘cara, se eu tivesse tempo e tecnologia, eu faria uma contagem de palavrões de um

vídeo de stand-up de um homem e de um vídeo de stand-up meu. Eu te garanto que eu não falo mais palavrão que homem. É só machismo.”

Ela também é criticada por falar muito de sexo, mas insiste que não fala nem menos, nem mais do que qualquer outro homem: “A sexualidade vinda de uma mulher sempre é mais chocante. Agora eu tenho o microfone na mão falando, ‘é, o teu pau é mole’ e sendo engraçada. Para eles, é um grande pavor.” Mesmo assim, seu público é bem diverso, com homens e mulheres, héteros e LGBTQIA+, jovens e velhos, diz.

A curitibana foi a primeira mulher brasileira a ter um espetáculo de stand-up na Netflix. Para comemorar o lançamento de “Demolição”, em 2022, ela projetou uma imagem de si mesma, acompanhada da hashtag #FogoNoPatriarcado, em prédios da rua Consolação, uma das principais de São Paulo.

Louise começou no teatro aos 15 anos. Queria ser atriz, mas sempre foi da turma dos engraçadinhos na escola. Usava o humor para se

equiparar aos meninos, zoando antes de ser zoada, e gostava de fazer as pessoas rirem. Dentro da sua cabeça de 13 anos, foi assim que ela conquistou o respeito dos colegas. “Eu brinco que eu era uma péssima atriz, porque eu fazia drama e as pessoas riam”, conta.

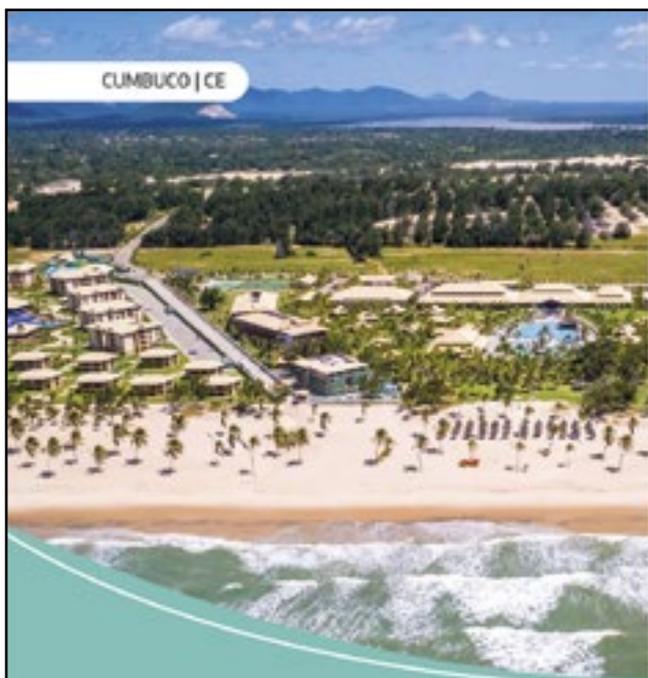
Com 25 anos, um colega a desafiou a escrever e apresentar um texto de stand-up de dez minutos. Ela levou alguns meses para criar coragem. Começou interpretando duas personagens: uma professora que não gostava de criança e uma funkeira carioca que não tinha um braço. “O stand-up é muito assustador para gente que vem do teatro porque é de uma liberdade imensa e de um abismo. Eu senti essa necessidade de estar quase que escondida num personagem.”

Até que, numa quinta-feira, noite de frio e cólica em que se apresentaria num barzinho, a curitibana desistiu de ir ao banheiro trocar de roupa. Adaptou as piadas para se apresentar como ela mesma. Hoje, faz uma comédia que considera mais autoral, contando perrengues

e situações cotidianas. Diz que os comediantes encaram o mundo de um jeito diferente, vendo piada nas desgraças da vida, uma maneira de lidar com o cotidiano.

Apresentar-se num palco é enfrentar a frustração a cada nove segundos, tempo médio de intervalo entre piadas, conta Louise. Mas fazer terapia e ter amigos humoristas ajuda a manter a cabeça no lugar. “Independente do que acontece na minha vida, eu tenho que subir no palco e fazer o povo rir. Isso é difícil. Uma coisa muito triste foi o falecimento da minha avó. Eu tinha show no dia. Cheguei no teatro arrasada e saí bem. A plateia me fez bem.”

Prestes a fazer 40 anos, Louise vê espaço para crescer na carreira. Quer levar o stand-up para cada vez mais gente, acompanhada de outras comediantes mulheres. Ela faz um show chamado “Juntas” todo fim de mês em que convida outras mulheres do meio para se apresentarem com ela. “Tem muita mulher boa hoje, só que os caras têm uma dificuldade de aceitar”.



**PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES**  
*destinos.*  
**PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.**

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.  
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

